

RELATO

O MUNDO NEGRO NO JORNALISMO E A PERSPECTIVA AFROCENTRADA COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

Maria Clara Ferreira Silva¹; maclamidia@gmail.com
Ana Paula Goulart de Andrade²; goulartdeandrade@gmail.com (orientadora)

RESUMO

Este relato trata de um tema de um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, da Escola de Comunicação de Artes das Faculdades Integradas Hélio Alonso, FACHA, no Rio de Janeiro. O assunto abordado pretende trazer à tona a discussão da invisibilidade negra no jornalismo. Para isso, intenta-se tensionar o conceito de afrocentralidade com as teorias do jornalismo, além de analisar, por meio da metodologia de estudo de caso, produções jornalísticas do site “Mundo Negro”, primeiro portal racial do país, disponibilizadas nas múltiplas plataformas: site, Facebook e Instagram. O objetivo é reconhecer nas audiências a possibilidade do que aqui tratamos como “jornalismo afrocentrado”.

PALAVRAS-CHAVE

Teorias do Jornalismo; Jornalismo Afrocentrado; Resistência; Múltiplas Plataformas; Mundo Negro.

1. INTRODUÇÃO

Existe um mundo negro no Jornalismo? O título deste trabalho provoca uma indagação que pode ser facilmente respondida a partir de uma visada nas redações jornalísticas e, conseqüentemente, nas produções advindas das rotinas profissionais. A invisibilidade negra no Jornalismo, conforme observado pela pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)³, na qual mostra que apenas 23% dos jornalistas são negros e, com isso, é uma das profissões com menor proporção de negros do país, transformou-se em questão para o

¹ Graduanda do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Facha, RJ.

² Doutora pela PUC/RJ, professora de graduação e pós-graduação na Escola de Comunicação e Artes, Facha, RJ.

³ Ver em: <https://fenaj.org.br/fenaj/a-federacao/congressos-xxxi-cnj-teses-mocoos/> Acesso em: 20 de março de 2021.



REALIZAÇÃO



APOIO



desenvolvimento de um TCC em Jornalismo que está em curso no semestre vigente.

A perspectiva afrocentrada, baseada na Afrocentricidade, abordagem epistemológica (ASANTE, 2009; NASCIMENTO, 2009) é um conceito-chave para a construção deste relato. Segundo Asante, a afrocentricidade é:

A Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p. 93).

Neste sentido, pretendemos colocar em diálogo algumas questões que abarcam essa vertente com as teorias do jornalismo.

A partir da adoção da metodologia de Estudo de caso (YIN, 2001), o presente relato traz a experiência inicial da análise de produções jornalísticas do portal “Mundo Negro” nas seguintes plataformas: Facebook e Instagram.

O objetivo é reconhecer e sistematizar semelhanças e distinções do público que consome as notícias produzidas pelo portal “Mundo Negro” e compreender, de fato, a possibilidade do que aqui intitulamos como “jornalismo afrocentrado”, bem como a necessidade de sua existência.

2. METODOLOGIA

Para a construção do trabalho monográfico em curso será empregado o método de estudo de caso, segundo Yin (2001), que vai permitir a observação do portal de notícias “Mundo Negro”, analisando o jornalismo com perspectiva afrocentrada enquanto símbolo de resistência. A metodologia de Estudo de Caso compreende fenômenos individuais, organizacionais e políticos: “(...) uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p.32).



REALIZAÇÃO



APOIO



Tal estudo servirá como base para a análise do pioneirismo e desenvolvimento do que chamamos de “jornalismo afrocentrado”, bem como sua relevância para o meio, por meio da construção de uma narrativa antirracista e representatividade racial da comunidade negra no Brasil. Com o objetivo de aprofundar o assunto, será realizada uma pesquisa exploratória no *Instagram* e *Facebook*, para compreender a funcionalidade do objeto estudado e obter pistas para percepção da audiência. Desta forma, busca tensionar o racismo institucional nas rotinas produtivas, com base na teoria ALMEIDA (2019), ao tratar das ideologias do racismo estrutural.

3. DESENVOLVIMENTO

Levando em consideração o pioneirismo do portal, há 22 anos, como resposta ao racismo estrutural presente no Brasil e no jornalismo, o portal se diferencia dos demais, com a adoção dos critérios de noticiabilidade que subvertem o jornalismo convencional e, conseqüentemente, despertam o engajamento do público. Acerca do racismo estrutural, é preciso compreender que existem três ramificações do próprio racismo, sendo elas: institucional, individual e estrutural.

Com isso, sob análise de Sílvia de Almeida e de sua obra “Racismo Estrutural”, o relato busca compreender o racismo institucional, entendendo que não é um erro apenas de indivíduos ou pequenos grupos, mas algo promovido pelas próprias instituições, afetando diretamente o andar da sociedade, entendo que o mesmo “é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça”. (ALMEIDA, 2019. P. 24). No entanto, qual o embasamento disto? A própria desigualdade racial, presente em todas as esferas sociais e, neste caso, especificamente, no jornalismo, o qual tem pouca visibilidade profissional, segundo Fenaj e, conseqüentemente, na escolha de pautas, personagens e narrativas.



REALIZAÇÃO



APOIO



Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (ALMEIDA, 2019, P. 25).

A inviabilidade negra nas redações não é exclusividade do Brasil. Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Reuters⁴, dos 80 diretores a frente de grandes veículos de comunicação no Brasil, Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos e África do Sul, apenas 12 são não-brancos, sendo que nenhum desses doze são do Brasil. As consequências disto vemos na ausência de pautas, personagens, redatores e âncoras negros, os quais são lembrados, apenas, no mês da consciência negra (novembro) ou, então, em imbróglis raciais.

Como resposta a isso, o site Mundo Negro surgiu nos anos 2000, com o avanço da internet, como a primeira plataforma digital de comunicação para negros da América Latina, criada pela jornalista Silvia Nascimento, a fim de promover visibilidade negra e outras vertentes narrativas, evitando estereótipos e corroborando histórias que não contadas nos demais veículos.

Quem consome conteúdo sempre pode usar um filtro sobre aquilo que quer consumir e seprivar de temas que despertam coisas negativas. Jornalistas não tem essa escolha. Equando o jornalista é negro, mesmo quando não trabalhamos com questões raciais diretamente, somos diariamente expostos à conteúdos perversos que representam em muitos dos casos, nossos piores pesadelos, como por exemplo, a prisão de pessoas inocentes e mortes violentas, sobretudo pela mão do Estado. (NASCIMENTO, 2020, on-line).

Com isso, o questionamento acerca de “existe um mundo negro no jornalismo”, perpassa pela existência e relevância do mesmo, uma vez que há um público carente de representatividade. Segundo o IBGE, quase 56% da

⁴ Ver em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/race-and-leadership-news-media-2021-evidence-five-markets> Acesso em: 20 de março de 2021.



REALIZAÇÃO



APOIO



população é negra⁵, somando os autodeclarados pretos e pardos. Com a baixa representação dos negros no jornalismo, como já citado anteriormente, o público do site é composto, majoritariamente, pela comunidade negra. Algo que pode ser visto em comentários feitos na mesma publicação, nas redes sociais: Facebook, Instagram e próprio site⁶.

No **Facebook**, percebe-se um grupo com faixa etária mais elevada, majoritariamente negro, com presença de não-brancos. Há comentários de cunho racistas e questionadores, como por exemplo: “Ela é linda e charmosa e o cabelo dela é natural da raça dela, não sei por que ficar frisando isso, belíssima mulher e simplesmente é isso!”|// “Gente, esse cabelo afro exagerado eh como o cabelo loiro ralinho e lambido. O cabelo afro fica lindo bem cortadinho e mais baixo. Chega de ideologia! Eh a beleza perdendo para a ideologia.” // “Lacrar, para lucrar né...”

Já no **Instagram**, o público demonstra maior consciência racial e menos comentários ofensivos ou racistas⁷. Acerca do público e das escolhas de escrita, Silvia Nascimento disse, em uma matéria de sua autoria, sobre a cobrança do seu público e seu objetivo:

Optar por assuntos que não sejam somente sobre racismo, genocídio, violência e dados estatísticos que mostram que somos a base da pirâmide em praticamente em todos os indexadores sociais me custou a ser taxada de superficial, de fazer um jornalismo menor. Palavras vindas da minha própria comunidade. É como se falar sobre negritude sem falardas dores, não fosse algo legítimo. E não culpo os meus por essa perspectiva. Nós ainda não aprendemos a descansar ou relaxar. Momentos bons nos remetem a culpa, afinal, não é bom ser negro no Brasil. Porém o que nos faz uma nação preta resistente é o fato de contarmos um com os outros e por conta disso outros espectros da negritude precisam ser celebrados.” (NASCIMENTO, 2021, on-line)

⁵ Ver em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2020/08/negros-representam-56-da-populacao-brasileira-mas-representatividade-em-cargos-de-decisao-e-baixa>, acesso em 20 de março de 2022.

⁶ Ver em: Facebook:

<https://www.facebook.com/271811982862240/posts/5229445660432156/?d=n> Disponível em 20 de março de 2022.

⁷ Ver em: <https://www.instagram.com/p/CbC4DfqlHXL/> Acesso em 20 de março de 2022.



REALIZAÇÃO



APOIO



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que se anuncia com o título deste item, as considerações aqui pretendem ser iniciais. O desenvolvimento deste relato, conforme exposto acima, é tema do TCC em andamento. Acredita-se que a experiência da participação em um Fórum de Ensino de Jornalismo ajude a buscar pistas e percepções para trilhar um caminho mais certo a seguir na pesquisa científica e desenvolvimento monográfico de um tema tão caro para a profissão. A análise do portal “Mundo Negro” e a perspectiva afrocentrada do jornalismo são questões ainda embrionárias que ganharão potência a partir da experiência com pares

Nesse sentido, assume-se acreditar que o jornalismo pode (e deve) sofrer alterações, com novos olhares, com novas práticas em busca de um diálogo mais inclusivo, democrático, diverso e plural com a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio de⁸. **Racismo estrutural**. Feminismo Plurais, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_es_trutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2022

ASANTE, Molefi K⁹. **Afrocentricidade**: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa L¹⁰. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

GOMES, Raio¹¹. Dia do jornalista: Nenhuma grande redação tem diretores negros no Brasil. **Site Mundo Negro**. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/dia-do-jornalista-nenhuma-grande-redacao-tem-diretores-negros-no-brasil/>> Acesso em 19 de março de 2022.

⁸ Sílvio de Almeida, autor do livro “Racismo Estrutural”, é advogado, filósofo, professor universitário, autor e CEO do Instituto Luiz Gama.

⁹ Molefi Kete Asante é um cientista, filósofo e professor universitário estadunidense, atual doutor e chefe do departamento de Africologia da Universidade Temple. É reconhecido por seus estudos de afrocentrismo.

¹⁰ Elisa Larkin Nascimento é cientista social e, atualmente, dirige o Ipeafro - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros.

¹¹ Raio Gomes é jornalista, integrante da Irmandade Pretas Candangas, redatora e editora do site Mundo Negro.



REALIZAÇÃO



APOIO



GOMES, Raio. Dia do jornalista: Nenhuma grande redação tem diretores negros no Brasil. **Site Mundo Negro**. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/dia-do-jornalista-nenhuma-grande-redacao-tem-diretores-negros-no-brasil/>> Acesso em 19 de março de 2022.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. Sankofa, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>>

NASCIMENTO, Sílvia¹². Falemos de racismo sim, mas temos muito mais a oferecer, diz Maju em momento histórico da tv brasileira. **Site Mundo Negro**. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/falemos-de-racismo-sim-mas-temos-muito-mais-a-oferecer-diz-maju-em-momento-historico-da-tv-brasileira/>>. Acesso em: 19 de março de 2022.

NASCIMENTO, Sílvia. Ser uma jornalista negra e dona do meu próprio veículo em país racista é algo além da resistência. **Site Mundo Negro**. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/ser-uma-jornalista-negra-e-dona-do-meu-proprio-veiculo-em-um-pais-racista-e-algo-alem-da-resistencia/>>. Acesso em: 19 de março de 2022

Reuter Institute. Race and Leadership News Media 2021 Evidence Five Markets Disponível em <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/race-and-leadership-news-media-2021-evidence-five-markets>>. Acesso em 19 de março de 2022

Redação. **#NegrasRepresentam**: Fernanda Bastos, jornalismo com ancestralidade. Site Mundo Negro. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/negrasrepresentam-fernanda-bastos-jornalismo-com-ancestralidade/>> Acesso em: 19 de março de 2022

Redação. **Entreviste um negro**: por um jornalismo plural e inclusivo. Site Mundo Negro. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/entreviste-um-negro-por-um-jornalismo-plural-e-inclusivo/>>. Acesso em 19 de março de 2022

RIBEIRO, Djamila¹³. **Pequeno Manual Antirracista**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019. Disponível em: <>. Acesso em: 19 de março de 2022

SILVA, Maurício¹⁴. **Afrocentricidade**: um conceito para a discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial na escola. PUC-CAMPINAS. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reveducao/article/view/2903/2293>>. Acesso em 18 de março de 2022

¹² Sílvia Nascimento é jornalista, fundadora e editora-chefe do site Mundo Negro.

¹³ Djamila Ribeiro é filósofa, escritora, acadêmica e pesquisadora. É mestra em Filosofia Política e conhecida pelo ativismo negro e feminista. Atualmente é colunista do jornal Folha de S. Paulo.

¹⁴ Maurício Silva foi aluno do Universidade Nove de Julho, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.



REALIZAÇÃO



APOIO



SITE MUNDO NEGRO. **Site Mundo Negro**. Facebook, 13 de março de 2022.

Disponível

em: <<https://www.facebook.com/271811982862240/posts/5229445660432156/?d=n>>

. Acesso em 19 de março de 2022.

SITE MUNDO NEGRO. **Site Mundo Negro**. Instagram, 13 de março de 2022.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CbC4DfqIHXL/>>. Acesso em 19 de março de 2022.

YOUTUBE. Didi Couto¹⁵: **Você me representa**: uma mulher negra na mídia, 2017.

Disponível em: <https://youtu.be/5YdsFwifZHU>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

YOUTUBE. Máira Azevedo¹⁶: **Desafiando diversas formas de opressão**.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mhi2E00d550>>. Acesso em 19 de setembro de 2021.

YIN, R. K¹⁷. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

¹⁵ Adriana “Didi” Couto é jornalista, apresentadora e palestrante.

¹⁶ Máira Azevedo é jornalista, apresentadora, palestrante, atriz e comedianta. Conhecida pelo ativismo racial.

¹⁷ Robert K. Yin é cientista social estadunidense, conhecido por seu trabalho em pesquisa de estudo de caso e pesquisa qualitativa.